

**Conspiração Filmes • Warner Bros. Pictures
Globo Filmes**

Apresentam

Em associação com
Tibet Filme • MegaColor • EstudiosMega

**PEDRO CARDOSO MIGUEL FALABELLA
CAMILA PITANGA FERNANDO TORRES STÊNIO GARCIA
E
FERNANDA MONTENEGRO**

REDENTOR

Um filme de
Claudio Torres

Roteiro
**Elena Soárez
Fernanda Torres
Claudio Torres**

Produzido por
**Claudio Torres
Leonardo Monteiro de Barros**

Brasil • 2004
Cor • Super 35mm • 110'

***Distribuição:*
WARNER BROS. PICTURES
www.redentorofilme.com.br**

? ELENCO

<u>Célio Rocha</u>	<u>Pedro Cardoso</u>
<u>Otávio Sabóia</u>	<u>Miguel Falabella</u>
<u>D. Isaura</u>	<u>Fernanda Montenegro</u>
<u>Soninha</u>	<u>Camila Pitanga</u>
<u>Justo</u>	<u>Fernando Torres</u>
<u>Acácio</u>	<u>Stênio Garcia</u>
<u>Moraes</u>	<u>Enrique Diaz</u>
<u>Gutierrez</u>	<u>Jean-Pierre Noher</u>
<u>Noronha</u>	<u>Mauro Mendonca</u>
<u>Tonelada</u>	<u>Tony Tornado</u>
<u>Tísico</u>	<u>Lúcio Mauro</u>
<u>Meio-Kilo</u>	<u>Lúcio Andrey</u>
<u>Júnior</u>	<u>Babu Santana</u>
<u>Dr. Soares</u>	<u>Rogério Fróes</u>
<u>Celeste</u>	<u>Louise Wischermann</u>
<u>Ministro</u>	<u>Paulo Goulart</u>
<u>Delegado</u>	<u>Tonico Pereira</u>
<u>Flávia</u>	<u>Guta Stresser</u>
<u>Dr. Sabóia</u>	<u>José Wilker</u>
<u>Isaura Jovem</u>	<u>Fernanda Torres</u>
<u>Justo Jovem</u>	<u>Domingos de Oliveira</u>
<u>Tia de Célio</u>	<u>Suely Franco</u>
<u>Assessor do Ministro</u>	<u>Leonardo Netto</u>
<u>Carcereiro</u>	<u>Vagner A. Sanchez</u>
<u>Foca</u>	<u>Mário Hermeto</u>
<u>Célio Criança</u>	<u>Marcel Miranda</u>
<u>Otávio Criança</u>	<u>Guilherme Vieira</u>

? FICHA TÉCNICA

<u>Direção</u>	<u>Claudio Torres</u>
<u>Roteiro</u>	<u>Elena Soárez</u>
	<u>Fernanda Torres</u>
	<u>Claudio Torres</u>
<u>Produzido por</u>	<u>Claudio Torres</u>
	<u>Leonardo Monteiro de Barros</u>
<u>Produtor Associado</u>	<u>Daniel Filho</u>
<u>Produção Executiva</u>	<u>Rômulo Marinho Jr.</u>
<u>Direção de Fotografia</u>	<u>Ralph Strelow</u>
<u>Montagem</u>	<u>Vicente Kubrusly</u>
<u>Direção de Arte</u>	<u>Tulé Peake</u>
<u>Figurinos</u>	<u>Marcelo Pies</u>
<u>Maquiagem</u>	<u>Martín Macías Trujillo</u>
<u>Som Direto</u>	<u>Mark Van Der Willigen</u>
<u>Supervisão e Desenho de Som</u>	<u>Beto Ferraz</u>
<u>Mixagem</u>	<u>Armando Torres Jr.</u>
<u>Supervisão de Efeitos Visuais</u>	<u>Fábio Soares</u>
<u>Trilha Sonora Original</u>	<u>Maurício Tagliari</u>
	<u>Luca Raele</u>
<u>Empresa Produtora</u>	<u>Conspiração Filmes (Rio de Janeiro, Brasil)</u>
<u>Co-Produtores</u>	<u>Warner Bros. Pictures (Burbank, EUA)</u>
	<u>Globo Filmes (Rio de Janeiro, Brasil)</u>
	<u>EstudiosMega (Rio de Janeiro, Brasil)</u>
	<u>MegaColor (São Paulo, Brasil)</u>
	<u>Tibet Filmes (Rio de Janeiro, Brasil)</u>
	<u>Quanta Centro de Produções (São Paulo, Brasil)</u>

Milagres acontecem: Jornalista recebe de Deus a missão de convencer seu amigo de infância, um corrupto construtor, a doar sua fortuna aos pobres

? SINOPSE

Existem mais coisas entre o céu e a Terra do que supõe a nossa vã filosofia. E Célio Rocha (Pedro Cardoso) é prova tão viva quanto morta disto: repórter de um jornal carioca, ele, um dia, vê-se obrigado a enfrentar o próprio drama ao ser escalado para cobrir um escândalo imobiliário. Ironia do destino. Ou, quem sabe, do Senhor...

O fato é que, para apurar o caso, Célio é obrigado a reencontrar um amigo de infância. Nome: Otávio Sabóia (Miguel Falabella). Profissão: único herdeiro da falência de Dr. Sabóia (José Wilker), famoso empreiteiro que acabara de se suicidar. Mestre em falcatruas, este homem transformou em pesadelo o sonho da casa própria de parte da classe média brasileira. Parte esta que incluía os pais de Célio.

Por tudo isso, esta história não começa aqui e, sim, no Rio de Janeiro da década de 70, quando a Barra da Tijuca transformara-se numa espécie de Terra Prometida. Dr. Sabóia, o tal famoso empreiteiro, lançava o Condomínio Paraíso enquanto um pequeno e arrogante Otávio apresentava a maquete do empreendimento a um Célio encantado, boquiaberto e oprimido pelas posses do amiguinho. E foi para satisfazer às ambições do filho que Justo e Isaura Rocha (Fernando Torres e Fernanda Montenegro) decidiram comprar um dos 480 apartamentos do Paraíso. Especificamente, o 808, o qual, apesar de terem pagado todas as prestações durante anos, jamais chegaram a ocupar. É que o pai de Otávio, o tal empreiteiro famoso e suicida, após vender o mesmo apartamento inúmeras vezes, decretou falência, deixando a obra semipronta e todos os proprietários aguardando por uma decisão da Justiça. Justiça esta que nunca foi feita.

Quinze anos depois, os moradores da favela vizinha ao condomínio e originada pelos operários que nele trabalharam sem nunca receber um tostão, resolvem fazer justiça pelas próprias mãos e apropriam-se daquilo que julgam pertencer-lhes: os apartamentos. Unidos, eles organizam uma invasão pacífica e entram com pedido de posse. Do 808, inclusive. A partir daí, a Otávio cabe tentar reverter a situação, pondo em prática aquilo que aprendeu: fazer com que homens vendam suas almas ao diabo.

Quanto a Célio... Cooptado por Otávio, e agora também obcecado pelo apartamento, aceita se tornar um laranja. Seu preço: US\$ 5 milhões. Mas o tiro sai pela culatra. O imponderável se abate sobre todos os pecadores. Culpado e arrependido, Célio enlouquece e parte para o deserto em busca de Deus. Para sua surpresa, acaba por encontrá-lo. A salvação divina virá em troca de uma missão: convencer Otávio a doar toda a sua fortuna aos pobres.

Não vai ser fácil. Mas Deus vai dar uma mãozinha!

? SOBRE O ROTEIRO

Redentor é a história de um brasileiro que não agüentou. Enlouqueceu. Perdeu a razão devido ao absurdo que é viver num país em que a justiça simplesmente não funciona. Num país em que hordas de miseráveis dormem nas ruas e exércitos de excluídos sitiam os bairros outrora dominados pelos ricos e habitados pela classe média.

A história de dois amigos, um rico e outro pobre, envolvidos com a invasão de um prédio abandonado. Um universo rico e fantasioso, em que, segundo o diretor, “o real, por vezes, de tão exagerado não é crível”.

Ao lado da roteirista Elena Soárez, Claudio e Fernanda Torres desenvolveram a trama central do longa e decidiram que, assim como na vida real, todos os personagens teriam e não teriam razão. E seriam tragados e conduzidos pelo imponderável.

“Pairando sobre esta desordem social, existe uma estátua de Deus na figura do Cristo. Silencioso, imóvel. E se Ele resolvesse agir? Achamos esta idéia cinematográfica”, comenta o diretor.

Escrito a seis mãos, “um número bom porque nunca empaca”, o desenvolvimento do roteiro levou seis anos entre escrita, discussões sobre cada ponto da história, pesquisas no universo imobiliário e bíblico. Focos diferentes imprimiram um lado melodramático, um cômico e um sociológico na história. “A Fernanda tem a manha da cena que eu não tenho. O Claudio tem as frases de efeito”, continua Elena.

E assim foram surgindo as camadas da história. Primeiro, a questão da classe média sonhando com a casa própria, os pobres lutando por um teto e os ricos pelos seus interesses. Depois, uma dimensão mais íntima: a inveja e a culpa de Célio Rocha e a relação com o amigo de infância. E, por último, uma visão mais bíblica resultando num “tratado de moral sobre a culpa e a inveja”, como explica Elena.

Para Fernanda Torres, *Redentor* partiu da idéia de falar da moral da classe média, do pequeno-burguês e, ao mesmo tempo, da vontade de fazer um filme bíblico. “O sonho da casa própria é o sonho de todo o brasileiro”.

De uma coisa a atriz que estréia como roteirista tem certeza: é um filme que só poderia ter nascido no Brasil.

? SOBRE O ELENCO

A idéia de convidar Pedro Cardoso e Miguel Falabella para viverem, respectivamente, o protagonista e o antagonista, veio da vontade de formar um elenco mais ligado à comédia, propondo uma interpretação dramática. “Achei que a resultante disso seria humor e não comicidade e nos libertáramos para também falar sobre os lados sérios e as questões profundas que o filme também aborda”. Uma aposta ganha de cara, segundo Miguel Falabella: “Imaginei que eu e o Pedro iríamos fazer uma comédia como de costume, mas não foi o que o Claudio fez. Isso nos comprou e uniu a todos. Foi o olhar do diretor. Já fiz vários vilões, mas nenhum como o Otávio”.

Redentor tem a particularidade de ser um filme em que, a dado momento, passou a ser escrito para os atores. E nesse ponto, os três roteiristas são unânimes ao concordar que isso facilitou e orientou muito o desenvolvimento da história. “A escolha do elenco é 80% da direção de atores. Minha função era apenas a de colocá-los no mesmo tom”, conta o diretor.

Outro aspecto importante para Miguel Falabella foi o envolvimento do elenco com o desenvolvimento do roteiro: “Fizemos várias leituras, o que foi bom porque tivemos um outro tempo para amadurecer os personagens”.

Quanto aos laboratórios, algumas coincidências acabaram acontecendo. Convidado para interpretar Acácio, Stênio Garcia não precisou ir longe para encontrar o personagem. Na época, ele estava construindo a casa onde mora hoje. Enquanto Aparecido, o mestre de obras, trabalhava, Stênio o observava. “Conversei muito com Aparecido e passei a conceber o meu operário dentro da sua rusticidade; a postura da mão, a calosidade...”

Já Camila Pitanga fez algumas incursões pela vida. “Para fazer a cena da boate, fui lá antes ver como as prostitutas dançavam e se posicionavam. E fui muito bem recebida”. Camila, aliás, segundo o diretor, fez “um milagre”. “A Soninha era uma personagem esquemática. A Camila intuiu, propôs e realizou a curva de vítima inocente no início ao estopim da tragédia final. É uma atriz muito inteligente”.

Pedro Cardoso foi um parceiro valoroso em todas as etapas do filme. Até as cenas com efeitos especiais, com as quais não está muito familiarizado, constituíram para ele um desafio interessante. “Num filme com efeitos, o set

é abstrato. Isso, que num primeiro momento seria um deserto para a sensibilidade do ator, num segundo momento se tornou interessante. Eu vou habitar esse deserto, vou projetar sobre esses fundos azuis, estes nada, as realidades que eu sei que serão as finais”, disse o intérprete de Célio Rocha. Fernanda Montenegro e Fernando Torres, pais do diretor e de uma das roteiristas, foram peças fundamentais desta história: “É como no circo: eles nos viram fazendo peças e filmes desde que nasceram, por que não trabalharmos juntos?”, questiona Fernanda Montenegro. “Ela é um jato de guerra; é rápida e mortal. Está incrível no filme. Ajudou muito; ela tem um conhecimento sobre dramaturgia que foi muito útil”, atesta o diretor. “Já meu pai é um ator que projeta uma verdade, uma emotividade e um senso de humor que fizeram do seu personagem o sentimento do filme”.

Para viver o boliviano Gutierrez, Claudio Torres convidou o franco-argentino Jean-Pierre Noher (de “Um amor de Borges” e “Diários de Motocicleta”) e, nas participações especiais, homenageou uma constelação de grandes atores brasileiros: Lúcio Mauro, Mauro Mendonça José Wilker, Paulo Goulart, Tônico Pereira e Suely Franco.

? SOBRE A PRODUÇÃO

Redentor é atípico e ambicioso - elenco de peso, efeitos visuais requintados, direção de arte sofisticada. Para a viabilização do projeto, a Conspiração Filmes contou com várias parcerias fundamentais. Na produção, distribuição e lançamento, a Warner Bros. Pictures e a Globo Filmes. Na pós-produção, acordos com a Tibet Filmes, EstudiosMega e o laboratório MegaColor.

“Com essa associação de seis empresas conseguimos montar esse espetáculo que é *Redentor*”, explica o produtor Leonardo Monteiro de Barros.

Foram seis anos para o roteiro ficar pronto. Um ano de preparação, dois meses de pré-produção e nove semanas de filmagens. Um tempo precioso, aliás, imprescindível. “Estávamos diante de um filme com uma quantidade de eventos fora de escala. O esforço foi por conta do amor e da chance de fazer um trabalho como esse”, diz o diretor.

Por trás, um truque de produção: foi um filme que custou, no total, R\$ 6,5 milhões embora imprima muito mais. O segredo? “Nos dar tempo e chamar gente boa”.

Os produtores associados foram importantes. “O Daniel (Filho) foi um grande parceiro. Seja como diretor, produtor ou ator ele domina e entende do processo cinematográfico como um todo, sabe editar e lançar um filme, além de possuir uma coleção de filmes e discos muito útil. É dele a sugestão da música “Céu cor-de-rosa”. O Daniel se tornou o dramaturgo do processo”, diz Claudio.

Uma das cenas que todos mais temiam era a final: a dez metros de altura, no impressionante cenário da cobertura construído sobre um andaime no estacionamento do Pólo Rio de Cine, Vídeo e Comunicação, com 150 figurantes e todo o elenco reunido e muitos efeitos especiais. Nada mais complicado que isso: “O filme tinha que ter um fecho grandioso. Não foi fácil, foi trabalhoso, mas delicioso”, diz Fernanda Montenegro. “Era tudo grande e ao mesmo tempo assustador porque não podia dar errado”, revela o diretor.

Redentor foi viabilizado com recursos obtidos através da Lei Federal 8.685/93 (Lei do Audiovisual), Lei Municipal 1.940/92 (Lei do ISS do Município do Rio de Janeiro) e Lei Municipal 10.923/90 (Lei do ISS do Município de São Paulo).

Os patrocinadores principais são a PETROBRAS DISTRIBUIDORA e a TELEMAR e os co-patrocinadores são Credicard, Caixa Seguros, TAM, Fininvest e Y&R - Young & Rubican. O filme conta também com o apoio cultural da Giovanni/FCB, DPZ Propaganda e Zohar Cinema e Comunicação e apoio institucional da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro e da Prefeitura do Município de São Paulo.

? SOBRE A DIREÇÃO DE ARTE E FOTOGRAFIA

Nada foi simples em *Redentor*. Cenários sofisticados e, nas locações externas, muitas intervenções realizadas pela equipe. Rio de Janeiro, Brasília, Itatiaia e Restinga de Marambaia fornecem algumas das paisagens reais.

“Procuramos locações as mais épicas possíveis. O escritório do Sabóia é o Ministério da Guerra; a sala do ministro é um salão de banquete. Fomos sempre para o superlativo da rubrica da locação”, conta Claudio Torres.

Quase todo em cenários construídos - o apto. 808, os corredores, a prisão, o topo da cobertura - o processo de criação do filme foi vivido em conjunto pelo diretor, diretor de fotografia e de arte. “Eu trazia referências e, às vezes, o Claudio se assustava. Normalmente quando ele se assustava era quando ele mais gostava. Por exemplo, no caso da prisão: foi uma referência antiga, um calabouço com pedras que se encaixava dentro da fantasia do filme. Quanto mais eu pirava, mais ele gostava. E a produção também acompanhava isso”, conta o diretor de arte, Tulé Peake.

No sentido de retratar esse ambiente fantástico-real, a iluminação foi trabalhada ao pormenor. “Assistimos a muitos filmes até achar a mistura ideal para o resultado. Tentamos fazer uma luz não naturalista, mas forte, recortada, procurando um ambiente real, mas um realismo impressionante. Resultou num filme com um acento forte visual e efeitos grandiosos nos momentos ápicos”, explica o diretor de fotografia, Ralph Strelow. “A preparação do filme foi de longe a parte mais tranqüila. O Ralph e eu desenhamos pessoalmente o story board enquanto o Tulé fabricava as maquetes dos cenários”, lembra Cláudio Torres.

Antes da pré-produção, os cenários já estavam todos montados e as maquetes prontas. Muito estudo prévio e sintonia facilitaram o trabalho de realização. “Na casa dos Sabóia, conseguimos objetos com muita presença porque sabíamos que os planos seriam abertos, então os objetos tinham que valer pelo volume, pelo brilho, pela cor. No apartamento dos pais de Célio, o detalhe já era mais importante porque os planos eram mais fechados”, diz Tulé Peake.

A concepção cenográfica e fotográfica esteve limitada apenas pela narrativa. “Podíamos modificar a realidade ao nosso bel-prazer, desde que servisse para contar a história. A cenografia e a direção de arte tinham que funcionar

para a dramaturgia. Nada está ali para ficar bonitinho. Criamos um repertório para cada personagem e ambiente”, conta Tule Peake.

Uma cobertura construída numa plataforma e elevada a doze metros de altura para a qual foi montada uma rampa de acesso, um parapeito pré-montado em estúdio e fragmentado para ser levado para o cume de um prédio no centro do Rio de Janeiro e todo o trabalho de revestimento, envelhecimento e procura de texturas são exemplos desse repertório.

? SOBRE A MONTAGEM E OS EFEITOS ESPECIAIS

Várias seqüências de efeitos, flashbacks, nuances, uma narrativa com muito vai-e-vem e a ausência de um “plano B”. Ao lado de Vicente Kubrusly, Claudio Torres passou cerca de sete meses montando o filme. “Você vai mexendo até o limite. Tentamos um sem número de coisas, mas chegamos a um equilíbrio entre comédia, drama e thriller que acreditamos ser muito instigante”, diz o montador. Fiéis ao roteiro original até o fim, Vicente afirma se tratar de um filme autoral. Já Claudio Torres não tem dúvidas: “Sem o Vicente, o filme não seria o que é”.

Um filme com efeitos, mas não de efeitos. Um filme fantástico, mas também realista. Fazer efeitos totalmente abstratos ou realistas? Foi com essa dúvida que Fábio Soares, supervisor de efeitos visuais, se deparou na primeira leitura do roteiro. “Depois descobri que os efeitos eram para suportar a narrativa. Aí se abriu uma janela incrível para o processo”.

O desafio foi poder não respeitar a “foto-realidade”. Bolar efeitos psicológicos; representar visualmente a loucura da uma pessoa. “Tínhamos a liberdade de criar lugares na cabeça do personagem. A bomba atômica, por exemplo, estava na cabeça dele” diz Fábio Soares.

“Sem os acordos de co-produção com as empresas do Grupo Mega (Tibet Filme, EstudiosMega e MegaColor), que aportaram milhares de horas das mais sofisticadas máquinas de efeitos especiais, não seria possível fazer este filme”, afirma o produtor Leonardo Monteiro de Barros.

? SOBRE A TRILHA SONORA

A convite de Claudio Torres, Maurício Tagliari e Luca Raele compuseram a trilha sonora original de *Redentor*. A gravação e mixagem dos temas foram realizadas por Benoni Hubmaier, Carlos Lima e Gustavo Lenza, nos Estúdios YB, assistidos por Vinícios Pereira e Diego Techera.

Os temas de "O Guarani", de Carlos Gomes, a música que acompanha os momentos emblemáticos do filme, eram uma obsessão do diretor: "Eu achava que tinha que ter uma orquestra no filme. A versão utilizada, da gravadora Sony Classical, é a da Orquestra da Beethovenhalle de Bonn, regida por John Neschling".

? A VISÃO DO DIRETOR

POR CLAUDIO TORRES

Ser diretor de cinema no Brasil é como ser um técnico de ar condicionado na Finlândia. Existem, são poucos e ninguém precisa de mais um.

Acontece que, de tempos em tempos, aparece um "Vidas Secas", um "Terra em transe", um "Macunaíma", um "Tudo bem", um "Bye bye, Brasil", um "Ilha das Flores", um "Central do Brasil", um "Eu tu eles", um "Cidade de Deus", um "Lisbela", um "Carandiru" e todos nos sentimos orgulhosos da própria pátria ou felizes com a chance de nos reconhecermos nas caras e paisagens ou de escutar a própria língua perpetuada naquela que foi chamada a arte do século XX – o cinema.

Supérfluo em um país que tem fome, mas essencial para uma nação que tem alma.

Tive a pretensão de me tornar um deles, um diretor de cinema brasileiro.

Estudei Belas Artes, fui diretor de arte e, aos 30 anos, entrei como sócio de uma produtora audiovisual - A Conspiração Filmes, um sonho adolescente que se tornou realidade: "Quando eu crescer, vou abrir uma produtora com os meus 16 melhores amigos".

Um acordo de cavalheiros feito há 10 anos, pactuou que produziríamos um roteiro para cada diretor filmar. Os outros manteriam o negócio vivo atuando na publicidade, em documentários e clipes. O critério de escolha do projeto dependeria completamente do diretor do filme. Assim, ao final da rodada, teríamos um portfólio de cineastas, com tendências e estilos diferenciados. Uma espécie de consórcio.

Enquanto esperava a minha vez (que demorou sete anos para chegar), dirigi uns 250 comerciais, dois especiais musicais e uma dezena de clipes. Flertando com a narrativa de ficção, dirigi um episódio do longa-metragem "Traição" - estréia da Conspiração no mundo do cinema - chamado "Diabólica". Um conto do Nelson Rodrigues que adaptei para uma versão gótica. E também um episódio da série "Brava gente", da Rede Globo, chamado "Lira Paulistana", com texto de Alexandre Machado e Fernanda Young.

Durante estes sete anos me bati com a questão fundamental de um diretor de cinema.

Que filme eu quero fazer? Que história eu quero contar?

A história que contei chama-se *Redentor*.

Meu ponto de partida não foi nada original: quis fazer um filme do qual eu gostasse.

Na infância eu gostava de filmes bíblicos. Era transportado para lugares onde os mares se abriam e tempestades de fogo se formavam no deserto. Também gostava de ficção científica, dimensões paralelas. Vórtices temporais e criaturas de outro planeta.

E, talvez, por gostar destes filmes sempre vi a realidade brasileira como um cenário fértil para este gênero de cinema. A dimensão das nossas mazelas e o absurdo da nossa realidade nos habilitam para sermos épicos.

Os miseráveis brasileiros, dignos e escravizados, esperando um salvador ou por justiça, sempre me lembraram os hebreus do antigo Egito. Assim como a nossa elite lembra os Faraós e suas famílias de degenerados. E a nossa classe média, os comerciantes, fariseus gananciosos do mundo moderno.

Como no mundo antigo, somos um país religioso. A maior nação católica do mundo. Temos forte ligação com o candomblé, a umbanda e, mais recentemente, como cultos protestantes. O Divino sempre nos tocou.

Fizemos um filme sobre o drama da classe média em um país injusto e desigual sob o ponto de vista de um filme bíblico.

? SOBRE O DIRETOR

Com o episódio *Diabólica*, do longa-metragem *Traição*, Claudio Torres ganhou o prêmio de *Melhor Diretor do Festival de Brasília* em 1998 (*Traição*, um longa composto por 3 episódios individuais, recebeu também os prêmios de *Melhor Filme do Júri Popular* do mesmo festival e *Melhor Filme do Festival de Huelva*, na Espanha, também em 1998). Na publicidade, dirigiu campanhas publicitárias para Unibanco, Kaiser, Mercedes Benz, Derby, Antarctica, Smirnoff, entre outras marcas. Levam também sua assinatura, especiais musicais para TV e Home Video de Marisa Monte (*Memórias, Crônicas...*) e Paralamas do Sucesso (*Paralamas em Close-Up*) e vários videoclipes. Em 1995, conquistou os prêmios de *Melhor Direção* e *Melhor Videoclipe* da MTV com *Segue o seco*, de Marisa Monte, um dos videoclipes mais premiados da história do país. Recentemente, para a TV Globo, Cláudio Torres dirigiu o episódio *Lira Paulistana*, da série *Brava Gente*, estrelado por Selton Mello, Fernanda Torres e Matheus Nachtergaele. Claudio Torres estudou Belas Artes na UFRJ e é sócio-fundador da Conspiração Filmes.

Redentor é seu primeiro longa-metragem.

? SOBRE O GÊNERO

O gênero do filme é uma questão à parte: Comédia? Fantasia? Drama Psicológico? Humor Negro? Épico? Com a palavra, a equipe:

Fernanda Montenegro – É uma comédia hilariante, de humor negro. Os valores são apresentados de uma forma muito popular, dentro de um imaginário muito brasileiro. Os grandes trunfo e triunfo são ser um filme que desafia.

Elena Soárez – É um drama. Tem comédia, mas vejo como um drama psicológico. Ele (Célio Rocha) tem sede de vingança, alucina que Deus mandou a missão de justiceiro. Célio Rocha acredita que é Jesus Cristo.

Stênio Garcia – Tem de tudo. Mas diria que vai ser um grande épico-urbano brasileiro. Pretensioso sim, mas com muita responsabilidade de todos que participaram.

Miguel Falabella – Uma comédia fantástica. Corteja o drama, mas volta para o seu caminho. É uma comédia sofisticada. Um filme com identidade, tem CPF, que diz ao que veio.

Tulé Peake – Não sei, mistura tudo. Meu filho me fez a mesma pergunta. Será que é ópera?

Camila Pitanga – A minha leitura de cara é comédia, mas não sei se será comédia ou drama. *Redentor* fala de tudo, do homem no mundo, da família, das diferentes classes, da malandragem brasileira...

Claudio Torres – No fundo o gênero deste filme é definido por cada pessoa que o assiste. Porque ele tem uma estrutura de viradas, revelações e acontecimentos extraordinários incessantes. Ele ora é comedia, ora drama, ora thriller de suspense. Porque na verdade, a vida é assim mesmo. É cômica, trágica e, sobretudo, emocionante.

? SOBRE A GLOBO FILMES

A Globo Filmes foi criada em 1997 com o objetivo de produzir obras que valorizem a cultura brasileira, buscando se destacar pela qualidade e pelo valor artístico, e aumentar a sinergia entre os negócios de cinema e de televisão.

A Globo Filmes participou da produção de 27 filmes até o momento, tornando-se a maior produtora do mercado cinematográfico nacional, atingindo uma participação de 77% do público do cinema nacional. Dos "10 Mais do Cinema Nacional da Retomada", nove filmes tiveram a participação da Globo Filmes com destaque para *O Auto da Compadecida*, *A Partilha*, *Carandiru*, *Cidade de Deus*, *Lisbela e o Prisioneiro*, *Os Normais* e *Sexo Amor e Traição*.

Num mercado cujo público total tem crescido a uma média de 10% ao ano, a Globo Filmes está preparada para manter sua trajetória de crescimento. No triênio 2004-2006 estima-se o lançamento de 25 novos filmes, incluindo produções como *Viva Voz*, *Cazuza - O Tempo não Pára*, *Querido Estranho* e *Olga*.